

Joachim tratara Ruzena durante o almoço de maneira rígida e convencional como se aquela fosse exatamente a segunda vez que estava com ela. Este comportamento rígido e convencional agradou a Ruzena. O dia estava chuvoso e frio nas margens do Havel. Ao longo da margem; uma paisagem que estava expectante de silêncio e que, contudo, não podia esperar senão chuva e a noite. Por cima, o céu era suave, frequentemente ligado à terra por batedeiras de chuva. Pararam — *Agora vambora continuar passeio. Chuva não fazer mal* — Disse Ruzena naquele sombrio sotaque estrangeiro. Foram pelo caminho da margem, em silêncio. A chuva mergulhava suavemente no rio. Gotejava baixinho nas folhas dos salgueiros. Havia uma canoa semi-afundada na água junto à margem. Era como se o Verão estivesse a derreter-se, com a água a embrandecer. E o céu cinzento fundia-se de tal maneira com a superfície de água que os salgueiros da ilha do outro lado flutuavam como num lago cinzento, pendendo de cima ou assentes em baixo, não se sabia.

Depois voltaram. No fiacre, Ruzena avistou através da neblina, qualquer coisa escura e horrível: uma rocha caída em frente de uma escarpa e que Ruzena, à primeira vista, confundira com a entrada de uma gruta incompreensível. Pararam em frente da casa de Ruzena. Mas, quando Joachim fez menção de entrar com ela, ela abanou a cabeça e ele voltou-se para se ir embora; porém, a dor desta despedida era tão grande que, logo ao fim de alguns passos, voltou para trás e agarrou na mão que estava ainda estendida, num desejo imóvel, compelido pela sua própria angústia, como em sonhos, subiu como sonâmbulo, a escada escura, que rangia debaixo dos pés. Atravessaram o vestibulo escuro e, no quarto, mergulhado na sombra de um precoce crepúsculo chuvoso, deixaram-se cair sobre o tapete áspero. Ruzena libertou-se, conduziu a mão dele até às presilhas que lhe fechavam o vestido nas costas e a sua voz cantante era grave. — *Desaperta isso! Tira isso!* E agora havia abandono para Joachim, e macieza do corpo, respiração. Um doce aroma da pele húmida. Escuridão da axila. No escuro, viu o rosto de Ruzena, mas este estava como que a deslizar para longe, a deslizar para as moitas mais escuras das margens que eram os caracóis e a mão teve de ir à procura do rosto dela; encontrou a testa e as pálpebras, sob as quais repousa, duro, o globo ocular, encontrou o redondo agradável da face e a linha da boca aberta para o beijo. Uma onda de desejo quebrava-se contra outra onda, o beijo dele, puxado pela corrente, encontrou o dela e enquanto os salgueiros do rio cresciam e se estendiam da sua margem à outra, E fez abrir-se como uma concha do lago e ele afundou-se nela, afogando-se.

A notícia da morte do tio Bertrand chegou no dia seguinte.

O SONÂMBULO, UMA RESSURREIÇÃO

Adaptação a partir de fragmentos de Lev Tolstói e Hermann Broch, a pensar na pintura de Maria Capelo por Pedro Paiva

RUZENA era filha de mãe solteira. Uma criada que tinha vindo da Boémia com onze anos e que se tornara vaqueira, numa aldeia pertencente a duas irmãs solteironas, latifundiárias. Essa mulher solteira dava à luz todos os anos e, como habitualmente se faz nas aldeias, baptizava-se a criança, e depois a mãe não a alimentava por não ser desejada e ser desnecessária, e a criança depressa morria de fome. Assim lhe morreram cinco filhos. A sexta criança, filha de um cigano de passagem, era uma menina, e o seu destino seria o mesmo, mas aconteceu que uma das velhas senhoras entrou no estábulo para fazer uma admoestação às vaqueiras por causa das natas que cheiravam a vaca. Ia já a sair quando, ao ver a criancinha, se enterneceu e se ofereceu para ser sua madrinha e a criança sobreviveu. As velhas chamavam-lhe, precisamente, “salvada”. A menina de negros olhos, ligeiramente estrábicos, saiu invulgarmente viva e encantadora e as velhas fidalgas alegravam-se com ela. Ao crescer, tornou-se meio camareira e meio educanda. Viveu assim até aos dezasseis anos. Quando fez dezasseis anos, veio um sobrinho das senhoras visitá-las. Era oficial do exército e vinha da grande cidade e Ruzena, sem confessar, nem a ele, nem a si própria, apaixonou-se.

Três anos mais tarde, esse mesmo sobrinho, a caminho da guerra, passou por casa das tias.

Ficou quatro dias e quatro noites com elas e na véspera de partir seduziu-a e, entregando-lhe no último dia uma nota de cem moedas, partiu. Cinco meses depois da partida, ela soube de certeza que estava grávida. A partir de então tudo se lhe tornou odioso e ela só pensava em como escapar à vergonha que a esperava, e passou a servir mal e de má vontade as fidalgas. Disse às fidalgas grosserias de que depois se arrependeu, e despediu-se. Depois disso tornou-se criada de quarto em casa de um comissário de polícia, mas só conseguiu lá ficar durante três meses porque o comissário, um velho de cinquenta anos, começou a assediá-la. Encolerizou-se. Chamou-lhe velho demónio, e deu-lhe um empurrão no peito com tanta força que o homem caiu. Expulsaram-na por brutalidade. Alojou-se em casa de uma viúva, parteira e traficante de bebidas alcoólicas. O parto foi fácil. Mas a parteira, que na aldeia atendera antes uma mulher doente, infectou Ruzena com febre puerperal, e a criança, um menino, foi enviada para um orfanato onde morreu pouco depois de chegar. Não tinha dinheiro e era preciso encontrar trabalho. Encontrou-o em casa de um intendente florestal. Tal como o comissário da polícia, logo no primeiro dia começou a assediá-la. Ele, aguardando o momento propício, dominou-a. A mulher dele, apanhando o marido sozinho no quarto com Ruzena, espancou-a. Num escritório de colocação de criadas, encontrou uma senhora cheia de anéis e pulseiras nas mãos gordas e nuas. Esta senhora, ao saber da situação de Ruzena, que procurava emprego, deu-lhe o seu endereço e convidou-a a visitá-la. A senhora recebeu-a com amabilidade. Ao fim da tarde entrou na sala um homem alto de longos cabelos grisalhos e barba grisalha, este velho sentou-se logo ao pé de Ruzena e, com olhos brilhantes e a sorrir, pôs-se a observá-la e a gracejar com ela. A dona da casa chamou-o para outra sala, e Ruzena ouviu o que ela dizia: *É fresca, camponesa*. Depois a anfitriã chamou Ruzena e disse-lhe que aquele era um escritor que tinha muito dinheiro e não se poupava a nada, se ela lhe agradasse. Ela agradeceu-lhe, e o escritor, alguns dias depois, propôs-lhe que se mudasse para Berlim com ele, para um apartamento independente. Quando já vivia no apartamento alugado pelo escritor, Ruzena apaixonou-se por um caixeiro que morava naquele mesmo pátio. Ela mesma informou o escritor, e mudou-se. O caixeiro, tendo prometido casar-se com ela, foi-se embora sem nada lhe dizer e abandonou-a. Ruzena ficou sozinha. E eis que por essa altura, particularmente funesta para Ruzena, porque não encontrava nenhum protector, foi descoberta por um agente que fornecia raparigas às casas de tolerância. Uma alcoviteira, depois de embebedar Ruzena, propôs-lhe que entrasse para um bom estabelecimento, o melhor da cidade. O Jägerkasino.

Ruzena regressava a casa já o sol estava a nascer, destapando-se do recorte acidentado dos arrabaldes. Estávamos no fim do Verão. O feno já tinha sido levado dos prados. Preparava-se a ceifa do centeio.

Nesta temporada há toda uma série de flores maravilhosas: os milefólios vermelhos; as margaridas descaradas; os malmequeres brancos de leite com o coração amarelo-vivo e um cheiro condimentado, pútrido; o agrião-da-terra amarelo com o seu odor meloso; as ervilhacas rastejantes; as centáureas exibindo-se ao sol, em azul vivo na juventude e em azul claro e avermelhado na velhice; e as ternas flores de linho-de-cuco, cheirando a amêndoa e céleres no murchar.

Depois de ter juntado um grande ramo de flores diversas, Ruzena descobriu, num fosso, um maravilhoso cardo carmesim, em plena flor, e que, durante a seça da erva, é sempre contornado com cuidado e, caso seja cortado sem querer, é tirado do feno pelos gadanhos para não picar as mãos. Apeteceu-lhe colher o cardo e pô-lo no meio do ramo. Desceu ao fosso e começou a partir o caule. Muito difícil, porém: a haste não só picava por todos os lados, mas era também tão duro que lutou com ele uns cinco minutos, rasgando os filamentos um a um. Quando, por fim, arrancou a flor, a haste estava toda em farrapos e a flor já não parecia fresca nem bonita. Ruzena lamentou ter destruído inutilmente uma flor que, no seu lugar, era tão bonita. Deitou-a fora. — *É impressionante a força, a energia daquela flor. Lutou muito pela vida e vendeu-a caro* — pensou. Ruzena seguia pelo barbecho de terra negra, acabado de lavra. O campo lavrado era senhorial, muito grande, de maneira que de ambos os lados e em frente do caminho não se via nada além do arroteamento negro, com sulcos regulares, ainda por gradar. A lavra fora ótima, em lado nenhum se via planta ou erva — Tudo negro. À sua frente, à direita do caminho, via-se um pequeno arbusto. Quando se aproximou dele, reconheceu um cardo igual ao anterior, e que tinha arrancado inutilmente uma flor que depois deitara fora.

O arbusto de “tártaro” tinha três hastes. Uma fora arrancada, as outras duas espetavam-se como cotos de braço. Cada qual com a sua flor, dantes vermelha, agora preta. Um caule dobrava-se, partido, com a sua flor suja na ponta; o outro, embora coberto de lama negra, ainda se erguia. Era evidente que o arbustinho fora pisado por uma roda e só depois se levantara, estando por isso retorcido. E mesmo assim de pé. Era como se lhe tivessem arrancado um pedaço do corpo e um braço, o tivessem esventrado, lhe tivessem vazado um olho, mas segurava-se em pé e não se entregara ao homem que matara todos os seus irmãos à volta.

— *Mas que energia!* — pensou. — *O homem venceu tudo, exterminou milhões de ervas, mas ele continua a resistir.*

Joachim caminhava em direcção à ópera. Quando pensava agora em Ruzena, tinha de confessar a si próprio que a imagem dela empalidecera por completo durante aqueles sete anos, como num muro de nevoeiro que faz apagar as árvores que sabemos que lá estão, mais ainda, que de certeza não teria sido capaz de a reconhecer na rua se tivesse passado por ela. Também não entendia porque tinha preferido manter o seu nome autêntico e, de modo ilógico, se fazia passar por uma estrangeira. Enquanto caminhava, Joachim foi levado pela pulsão de fixar a imagem de Ruzena. Dava pinceladas invisíveis para fazer reaparecer as partes do seu rosto o nariz, os olhos, a boca. como numa ressurreição mental. E tanta dedicação empenhou naquele trabalho, que pensou estar a ficar cego, temendo não saber por onde estava a caminhar. E a imagem de Ruzena empalidecera novamente. Assim chegou à ópera num estado profundo de inquietação.

Quando uma pessoa, em consequência da sua vida pelos imperativos da casta a que pertence como também de uma certa inércia dos sentimentos, forma o hábito de não reparar no seu próximo, então de certeza que tem de lhe chamar a atenção e lhe parecer caso para admirar os seus olhos ficarem presos em dois jovens desconhecidos que estão a conversar à sua beira. Foi o que aconteceu a Joachim no átrio da Ópera. Os dois cavalheiros eram manifestamente estrangeiros. Pareceu-lhe que deviam ser italianos, talvez porque um deles, de olhos e cabelos negros, usava pêra à italiana. Deu-se, todavia conta de que estavam a usar uma língua estrangeira que, porém, não era italiano, até que, com um pequeno susto, julgou reconhecer que os dois jovens estavam a falar tcheco, a língua da Boémia. E talvez o jovem de barbicha negra de cabelo demasiado encaracolado tivesse verdadeiramente alguma semelhança com Ruzena, não apenas por causa da cor do cabelo: era talvez a sua boca, um pouco pequena demais, o nariz demasiado curto e demasiado gracioso e o sorriso, que era de algum modo provocante.

A imagem de Ruzena, agora só conseguia vê-la através da máscara e da mediação daquele jovem.

Ao mesmo tempo, e num outro plano, ele sentia que era indizível e terrível a rapariga estar escondida atrás da máscara de um homem, e esta ideia não lhe saiu da cabeça, mesmo depois do intervalo. O programa da noite era *Fausto* e os sons doces não eram menos absurdos do que a acção operática em que ninguém, nem mesmo Fausto, reparava em que, nos traços amados de Margarida, está escondido o rosto de Valentim e que é isso e nada mais que Margarida tem de expiar. Talvez Mefisto o soubesse e Joaquim ficou contente. Quando, depois do espectáculo, se cruzou de novo com o “irmão de Ruzena”, sentiu-se tão seguro que, apesar de estar vestido à civil, meteu pela Jägerstraße.

Caiu a noite. Lá fora tudo escuro, o ar húmido, tépido, e repleto daquele nevoeiro branco que na primavera expulsa a última neve. Do rio, que fica a uns cem passos em frente da casa sob uma escarpa, ouvem-se uns sons estranhos: é o gelo a quebrar-se. Joachim saiu do alpendre e, caminhando por cima dos charcos, passou junto à janela do quarto das criadas. Ruzena estava sozinha, sentada à mesa, pensativa. Joachim ficou muito tempo, sem se mexer, a olhá-la. Ela, durante dois minutos, ficou imóvel, depois ergueu os olhos, num olhar ingénuo, sorridente, abanou a cabeça como a censurar-se a si mesma. Joachim, ouvia ao mesmo tempo as batidas do seu coração e os sons estranhos que vinham do rio. Lá no rio, decorria um trabalho incessante, lento, e qualquer coisa ora resfolegava, ora estalava, ora se desfazia: os finos pedaços de gelo tilintavam como vidros. Enquanto espreitava pela janela, a voluptuosidade dominava-o por completo. Ali perto, o pinheiro em grande plano, e por detrás do nevoeiro um galo cantava. Era já o segundo canto dos galos. Joachim voltou a entrar em casa. Tirou as botas e foi descalço pelo corredor até à porta dela, procurando poisar os pés nas tábuas que não rangiam. E assim que ele murmurou, *Ruzena*, ouviu um som de dentro do quarto, como um salto. Depois, a mão dela à procura do ferrolho. O ferrolho deu um estalido e ele entrou pela porta aberta. — *Ah! Não faça isso, largue-me* — disse ela, mas apertava-se de encontro a ele.

Quando ela, trémula e silenciosa, sem dar resposta às palavras dele, se virou na cama para o lado da janela, ele foi até à entrada da casa e parou, tentando compreender o significado do que acontecera. No campo havia agora mais claridade; lá em baixo no rio os rangidos e o resfolegar tinham-se intensificado, e aos sons anteriores acrescentara-se o sussurro das águas. O nevoeiro começara a descer. Dois eucaliptos como que abandonados. A lua iluminava lugubrememente qualquer coisa negra e horrível. Uma rocha caída em frente da escarpa e que Joachim, à primeira vista confundira com a entrada de uma gruta incompreensível. Joachim pensava que devia dar dinheiro a Ruzena. Não porque ela pudesse precisar desse dinheiro, mas porque é o que sempre se faz, e porque o considerariam um homem desonesto se ele, tendo-se aproveitado dela, não lhe pagasse por isso. E deu-lhe esse dinheiro, tanto quanto achava decente, tendo em conta a sua condição e a dela, num envelope amarfanhando com uma nota de cem moedas. Enfiou-lhe o envelope no seio e, como se se tivesse queimado, virou costas a Ruzena e foi para o seu quarto. No dia seguinte, Joachim partiu para se apresentar no regimento.

A vida em que ele ia entrar, os novos lugares, os camaradas, a guerra, ajudaram-no. E quanto mais vivia, mais esquecia, e por fim, esqueceu de facto Ruzena por completo.

JOACHIM, está deitado na sua alta cama amarrotada, com colchão de penugem e de molas. Fuma um cigarro. Suspira. Pensa: *o uniforme é uma ideia supraterrrestre, inexistente e, contudo, tão forte que transforma o homem uniformizado em possesso do uniforme.* Lança uma baforada de fumo que desenha um arbusto indefinido e suspenso no ar. *Depois*, os pés lisos e brancos procuram os chinelos. Enfia nos ombros largos o roupão de seda e caminha pesadamente. Entra na casa de banho. Com um pó especial lava os dentes chumbados em muitos pontos. Lava-se depois por todos os lados esfregando-se com várias toalhas. Lava as mãos com sabonete, limpando cuidadosamente as unhas com escovas. Na grande bacia de mármore lava o rosto e o pescoço. Dirige-se ainda a uma terceira sala anexa ao quarto, onde veste roupa interior limpa e, sentado diante do toucador, Joachim dedica-se a escovar com duas escovas a barba, não muito longa, e os cabelos louros que já rareiam na parte frontal da cabeça. Veste um fato limpo preparado em cima de uma cadeira. Noutra cadeira, o uniforme inerte e engomado, faz lembrar uma árvore quebrada. Depois de vestir a casaca à civil, pega numa bengala com um castão de marfim e surge-lhe de repente à frente a imagem do tio Bernhard, e sentindo-se incomodado por as roupas à civil nem de longe lhe assentarem com a naturalidade com que assentavam a este homem, Joachim regressa, por instantes, aos seus onze anos. A mãe tinha ido ao estábulo para fazer uma admoestação às vaqueiras por causa das natas que cheiravam a vaca. Quando saíram para o ar frio do Inverno lá estava o tio Bernhard, a vir ao encontro deles. O tio Bernhard ainda usava bengala; depois de um ferimento, podia usar-se bengala. A mãe parou e Joachim segurou-se à bengala do tio Bernhard fixando-se no castão de marfim ornado com um brasão. O tio Bernhard anuncia — *Dê-me os parabéns, prima, acabo de ser promovido a major.* Estavam os três no meio da neve perto do pinheiro e o tio Bernhard, detectando o interesse do miúdo pelo brasão, fez afaçar as suas longas mãos pelo seu cabelo. Joachim alegrava-se sempre por ter o cabelo louro como a mãe; isso queria dizer também que ia ser mais alto do que o pai. Joaquim ergueu os olhos para o major; parecia ainda mais marcial e mais hirto do que de costume. Talvez um dia viesse a ser tão alto como o tio Bernhard. Joachim, depois de colocar na cabeça o chapéu alto com fita saiu em direcção à rua. Tinha combinado jantar com Kessel num tal de Jägerkasino. No Jägerkasino, vénias e sorrisos. Kessel ao vê-lo — *Caro amigo, quando vinha a subir, cruzei-me com uma coisinha muito atraente, de cabelos negros e olhos que de certeza não vos podem deixar indiferentes.*

De manhã e de tarde, um sono pesado depois das orgias da noite. Às três ou quatro da tarde, levantar a custo da cama suja, água selzer contra a bebedeira, café, deambulação indolente pelas salas, espreitar por entre as cortinas das janelas, brigas indolentes umas com as outras; depois lavar, perfumar os corpos, os cabelos, experimentar vestidos, discussões com a patroa por causa deles, verem-se ao espelho, pintar as caras, as sobranceiras, ingerir comida doce e gordurosa; depois sair para o salão enfeitado, vivamente iluminado,

chegada dos clientes, música, dança, bombons, bebidas, cigarros e sexo com homens novos, de meia-idade, quase crianças, e velhos a desfazerem-se, solteiros, casados, comerciantes, caixeiros, arménios, judeus, tártaros, ricos, pobres, saudáveis, bêbedos, grosseiros, ternos, militares, civis, estudantes. E os gritos, e as piadas, e as brigas, e a música, e o tabaco, e o vinho; desde o anoitecer até ao romper do dia. E só de manhã a libertação e o sono pesado. E assim todos os dias, toda a semana. Assim viveu Ruzena durante sete anos.

Nessa noite Ruzena surgiu no salão com o braço enfiado de baixo do de uma rapariga loura. Deslizavam pelas mesas com as suas anquinhas altas e cinturas afiladas. Kessel lança para o ar — *Menina Ruzena! A avaliar pelo nome, temos perante nós uma bela polaca.* Ruzena responde — *Não sou polaca. Boémia.* Joachim pensa: *Não pode ser! Não é possível!* Repetia a si mesmo; aquela rapariga por quem em tempos estivera apaixonado e da qual nunca mais se lembrara. Via agora com clareza aquela particularidade exclusiva, misteriosa, amável, nos olhos um pouco estrábicos, e principalmente naquele olhar ingénuo, sorridente. Tinha agora um sotaque estrangeiro e ria de si própria por ainda não ter aprendido alemão. Facto que apenas Joachim sabia ser falso. Ruzena parecia-lhe possuída por um espírito selvagem e longínquo. Mas aquela pessoa, de sotaque distante era um ser que Joachim estava longe de conseguir compreender. Depois, Ruzena pega na cabeça da amiga, põe-na junto da de Joachim e fica satisfeita por a cor do cabelo se harmonizar — *Dáveis lindo casal,* declara a ambas as cabeças e acaricia-lhes os cabelos. Joaquim sente a mão suave na nuca, como uma pequena sensação de vertigem. — *Tenho de ir andando,* anunciou repentinamente Joachim aos seus camaradas, levantando-se num pulo, de forma a ficar em pé, junto ao corpo de Ruzena. E Joaquim sussurra — *Podíamos encontrar-nos nos arrabaldes, tomar o almoço juntos. Amanhã?*

— *Sim.* Depois, ela pôs-se em bicos de pés e sussurrou-lhe ao ouvido:

— *És simpático e bom, tu.*

E Joachim foi-se embora.